

---

## **CHAMO-TE**

*Sophia de Mello Breyner Andresen (in Coral, 1950)*

Chamo-Te porque tudo está ainda no princípio  
E suportar é o tempo mais comprido.

Peço-Te que venhas e me dê a liberdade,  
Que um só dos Teus olhares me purifique e acabe.

Há muitas coisas que eu não quero ver.

Peço-Te que sejas o presente.  
Peço-Te que inundes tudo.  
E que o Teu reino antes do tempo venha  
E se derrame sobre a terra  
Em Primavera feroz precipitado.

---

## A COR DA LIBERDADE

*Jorge de Sena (1956)*

Não hei-de morrer sem saber  
qual a cor da liberdade.

Eu não posso senão ser  
desta terra em que nasci.  
Embora ao mundo pertença  
e sempre a verdade vença,  
qual será ser livre aqui,  
não hei-de morrer sem saber.

Trocaram tudo em maldade,  
é quase um crime viver.  
Mas, embora escondam tudo  
e me queiram cego e mudo,  
não hei-de morrer sem saber  
qual a cor da liberdade.

---

## MEU CAMARADA E AMIGO

*José Carlos Ary dos Santos (in Resumo, 1973)*

Revejo tudo e redigo  
meu camarada e amigo.  
Meu irmão suando pão  
sem casa mas com razão.  
Revejo e redigo  
meu camarada e amigo

As canções que trago prenhas  
de ternura pelos outros  
saem das minhas entranhas  
como um rebanho de potros.  
Tudo vai roendo a erva  
daninha que me entrelaça:  
canção não pode ser serva  
homem não pode ser caça  
e a poesia tem de ser  
como um cavalo que passa.

É por dentro desta selva  
desta raiva deste grito  
desta toada que vem  
dos pulmões do infinito  
que em todos vejo ninguém  
revejo tudo e redigo:  
Meu camarada e amigo.

Sei bem as mós que moendo  
pouco a pouco trituraram  
os ossos que estão doendo  
àqueles que não falaram.

Calculo até os moinhos  
puxados a ódio e sal  
que a par dos monstros marinhos  
vão movendo Portugal  
— mas um poeta só fala  
por sofrimento total!

Por isso calo e sobejo  
eu que só tenho o que fiz  
dando tudo mas à toa:  
Amigos no Alentejo  
alguns que estão em Paris  
muitos que são de Lisboa.  
Aonde me não revejo  
é que eu sofro o meu país.

---

## POEMA DE ABRIL

*Sidónio Muralha (in Poemas de Abril, 1974)*

A farda dos homens  
voltou a ser pele  
(porque a vocação  
de tudo o que é vivo  
é voltar às fontes).

Foi este o prodígio  
do povo ultrajado,  
do povo banido  
que trouxe das trevas  
pedaços de sol.

Foi este o prodígio  
de um dia de Abril,  
que fez das mordanças  
bandeiras ao alto,  
arrancou as grades,  
libertou os pulsos,  
e mostrou aos presos  
que graças a eles  
a farda dos homens  
voltou a ser pele.

Ficou a herança  
de erros e buracos  
nas árduas ladeiras  
a serem subidas  
com os pés descalços,  
mas no sofrimento  
a farda dos homens  
voltou a ser pele  
e das baionetas

irromperam flores.

Minha pátria linda  
de cabelos soltos  
correndo no vento,  
sinto um arrepio  
de areia e de mar  
ao ver-te feliz.

Com as mãos vazias  
vamos trabalhar,  
a farda dos homens  
voltou a ser pele.

---

## O FUTURO

*José Carlos Ary dos Santos (in O Sangue das Palavras, 1978)*

Isto vai meus amigos isto vai  
um passo atrás são sempre dois em frente  
e um povo verdadeiro não se trai  
não quer gente mais gente que outra gente  
Isto vai meus amigos isto vai  
o que é preciso é ter sempre presente  
que o presente é um tempo que se vai  
e o futuro é o tempo resistente  
Depois da tempestade há a bonança  
que é verde como a cor que tem a esperança  
quando a água de Abril sobre nós cai.  
O que é preciso é termos confiança  
se fizermos de maio a nossa lança  
isto vai meus amigos isto vai.